

UM FAMOSO VOTO DE MINERVA

Lenine C. Póvoas

O fim do ano de 92 e o começo de 93 me foram de profunda tristeza pelo desaparecimento de pessoas que me eram especialmente caras.

O primeiro a se despedir de nós foi *DERMEVAL MARTINEZ*, gaúcho que há muitos anos convivia com a gente matogrossense, em cujo seio só fez amigos, admirado pela sua fina educação, como sua digna consorte, a escritora cuiabanizada Dona Vera Randazzo, cujo amor e dedicação à nossa cultura lhe valeram o ingresso no nosso Instituto Histórico e na nossa Academia de Letras.

O segundo foi meu primo *ENIO PÓVOAS*, antigo funcionário do Ministério da Fazenda e professor de alto gabarito da nossa Universidade Federal.

Filho de Isác Póvoas, Enio herdou-lhe as tradições de honradez, de absoluta probidade no exercício da função pública e de amor ao trabalho. Exercendo cargos que lhe possibilitariam enriquecer, por caminhos de muitos conhecidos, ele soube preservar a dignidade do nome de uma família que há quase dois séculos atravessa a história política de Mato Grosso merecendo a confiança e o alto apreço de seus contemporâneos.

O terceiro foi *RUBENS PAES DE BARROS*, também exemplar funcionário do Banco da Amazônia, meu antigo companheiro de Lions Clube. Descendente de uma família que tem nome nesta terra e que conhecemos e admiramos há mais de meio século, pela retidão de caráter de seus membros, Rubens era um homem afável, amigo dos amigos, tal como seu pai, o velho Joaquim Paes de Barros, secretário da antiga Escola Normal Pedro Celestino.

Janeiro de 1993 reservou para a sociedade cuiabana o duro golpe da perda de VIRGÍLIO ALVES CORRÊA NETO, médico de nomeada, integrante de uma geração que marcou época na história da medicina cuiabana.

Integrante do grupo a que pertenceram Sylvio Curvo, Atayde de Lima Bastos, Clovis Pitaluga de Moura, José Monteiro de Figueiredo, Cid Nunes da Cunha, Navantino Borba, José Leite de Figueiredo e Hélio Ponce de Arruda, este ainda em atividade, Virgílio se distinguiu, também, como político.

Nisso ele não fugiu à tradição de sua família.

Uma coincidência curiosa: o Presidente da Constituinte Estadual de 1891 foi o Deputado José Maria Metello, ancestral de Virgílio pelo lado materno; o Presidente da Constituinte Estadual de 1935 foi o Deputado Estêvão Alves Correa, pai de Virgílio; e o Presidente da Constituinte Estadual de 1947 foi o próprio Virgílio Alves Corrêa Neto.

Não suponham, os que desconhecem os fatos, que isso se deva à ação de uma “*oligarquia*”, palavra tão em moda nos nossos dias. Foram os três políticos que atuaram em épocas diferentes, em circunstâncias totalmente diversas e que ascenderam às posições pelo seu valor individual. Virgílio, tanto quanto seu pai, foram conduzidos a poder pela sua fama de médicos humanitários e pelo seu valor intelectual e moral.

Na Constituinte de 1947 o desempenho de Virgílio foi de alto nível. Ninguém jamais se queixou de sua conduta, absolutamente imparcial e isenta. Poucos poderão testemunhar isso com tanta autoridade como eu que fui também constituinte de 1947 e seu adversário político.

Época em que os políticos se respeitavam e mantinham relações de amizade e familiares, não obstante os seus compromissos partidários, a Assembléia era um fórum onde se discutiam acaloradamente os programas de Estado e se chocavam opiniões conflitantes, mas do qual saiam os contendores juntos, em fraterna camaradagem, para um aperitivo ou para um almoço.

Certo dia, quando já iniciada a votação do texto do projeto da Constituição estadual, tive a minha atenção despertada para uma emenda que me apareceu muito suspeita. Dizia ela que “*era da Atribuição exclusiva da Assembléia Legislativa transferir a sede do Governo*”.

Isso me pareceu a estrada aberta para a restauração da antiga campanha da “*mudança da Capital*”, ainda mais que os cuiabanos constituíam minoria no plenário.

Resolvi agir. Procurei o Dr. Virgílio, em sua residência, e coloquei-o a par do assunto. Combinamos formar uma frente para combater a emenda.

Enquanto nos bastidores os adeptos da proposição tramavam, muito na surdina, a sua aprovação, nós nos articulávamos para derrubá-la, sem, todavia, deixar perceber a ninguém que já havíamos desconfiado da manobra.

Chegado o dia e o momento da votação, requeri para a mesma “*destaque*” e “*votação nominal*” e a surpresa foi total para os autores da emenda ao notarem que também estávamos articulados, nós, os que lutavam contra a sua aprovação.

Ao final do escrutínio, o resultado foi um empate: 14 a 14: E Virgílio Corrêa, da Presidência, proferiu o seu voto de Minerva: “*NÃO*”

As galerias vibraram!

Graças a esse “*NÃO*” Cuiabá continuou a ser a Capital do Estado, até hoje.

É um fato histórico que cerca de 90 por cento da população cuiabana de hoje ignora, pela rapidez com que muda o quadro social da nossa cidade.

Mas é um fato que não podemos esquecer e que deve ser lembrado no momento em que desaparece do rol dos vivos o seu grande protagonista.